

Louvação a Raimundo Girão¹

EDUARDO CAMPOS (*)

Para bem começar valho-me da inspiração de sonetista emérito, Antônio Antunes de Menezes, que nada melhor e mais na exata, acrescento, acode-me agora diante da majestosa lembrança do historiador e humanista Raimundo Girão, aqui louvado, nesta memorável comemoração, a ensejo de seu primeiro centenário:

“Vosso braço de ações sempre fecundo,
Vossa boca em pedir emudecida,
fazem vossa grandeza mais luzida,
fazem vosso conceito mais profundo!”

E ajunto, em tom de sentimento poético, como queria Camões:

“A saudade escreve, e eu traslado...”

Assim explicado, a modo de exórdio, passo a contar de mim para contar do grande amigo ausente, e retroajo no tempo.

Se Mozart Soriano Aderaldo - outro convocado por Deus para as benesses eternas - favoreceu-me a ditosa oportunidade de garantir meu assento entre os imortais da Academia Cearense de Letras, de Raimundo Girão tornar-me-ia devedor, até hoje, por seu estímulo a meu ingresso na confraria de sábios que exercem a guarda das nossas tradições históricas no Instituto do Ceará.

E por mais diante a esse mesmo desvelado amigo, apreciador de meus modestos talentos, e que me oferecia livros dando-me por

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

seu dileto amigo, devo por igual minha participação no Conselho de Cultura do Estado, e mais à frente, em decorrência de campanha que empalmou minha eleição à presidência da Academia Cearense de Letras, posição a que cheguei, e aí demorei por cinco sucessivos biênios.

Foi por certo ele, Raimundo Girão, arguto observador da inclinação literário de seus apreciados, que despertou minha dedicação à pesquisa histórica, estimulando-me a resgatar os momentos da intimidade de coisas e pessoas da cidade de Fortaleza, o que acabaria fazendo desde quando assumi a Secretaria de Cultura do Estado, onde permaneci nas administrações Virgílio Távora e Manoel de Castro.

Só anos depois, a pouco e pouco, fui compreendendo que tínhamos ambos os mesmos propósitos de estima pela cidade de Fortaleza. Na verdade, sob licença poética mas bastante sensual também, éramos assumidamente os seus privilegiados amantes.

Sei de mim, no entanto, que requestava a “loura desposada do sol”, nomeada assim por Paula Ney, outro deslumbrado de seus encantos, pouco atento à didática do jogo amoroso preconizado por Teophilo Braga:

“para bem cantar e trovar, é preciso amar...”

Enquanto a seu passo, meu imbatível rival, mais amadurecido e experiente, qual o Velho apaixonado da peça de Gil Vicente, tinha ciência de que...

“O maior risco da vida,
e mais perigoso, é amar...”

Basta ver a paixão que ilumina Raimundo Girão a cada página de “Geografia Estética de Fortaleza”, a mais admirável declaração de amor, já recitada em prosa, a uma urbe.

No mais, estaríamos ele e eu sempre concordantes e sem confrontos.

Dele nada mais fui que atento e dedicado discípulo, e ele, ao longo do nosso relacionamento, o professor que jamais ostentou a condição excepcional de mestre.

A essa altura vem hora de revelar: minha tendência para a pesquisa se direcionou, durante anos, tão-só para o folclore, ciência em que me inaugurei com “Medicina Popular” .

A esses dias - e me perdoem o tom confessional, tão pessoal - mantinha certa resistência ao sentido, que me não parecia claro, dos estudos históricos cearenses. Em verdade, e cuido logo de explicar - havia em mim a tendência para rejeitar o contar minudente, às vezes repetitivo, dos que exerciam a pesquisa histórica, sempre a meu ver escravos de datas e fortuitas circunstâncias.

Desse modo não conseguiria me sensibilizar o aplicado discurso do Barão de Studart, irreconciliável com o que eu esperava do exercício do historiador.

Mas em João Brígido, não obstante as imperfeições (a apon-tada excessiva liberdade de explicar os fatos) revelava-se algo que se adequava à minha maneira de ver e sentir a rememoração dos episódios dimensionados historicamente.

Era um jeito, o dele, de contar mais crível, mais decodificado, e possivelmente mais presente de humanidade. E fazia a diferença.

George Duby, irretocável medievalista recém-desaparecido, ao longo de memorável obra científica, manteve-se de modo obstinado, permanente, um bom intérprete das “aventuras do corpo”.

Dele este conceito:

“Os historiadores se interessam agora pelo corpo, pelas aventuras do corpo, mas também pela consciência que os homens de outrora tiveram de seu corpo.”

E a tanto elastece a proposição que, sob essa conceituação, contempla a própria dor, senhora de uma história, a seu entender. (Idade Média, Cia. De Letras, 1998, p.161).

Tudo assim proposto não muito distanciado do que já recomendava a inventiva poética , e sábia, de Camões:

“Olhai que sois - e vêde as outras gentes...”

Foi, portanto, o modo de ignorar as outras gentes, ou se quiserem, as “aventuras do corpo” (o que em abrangente signifi-

cado é o conserto de quantos se amalgamam a configurar a sociedade, vilões ou barões, bandidos ou heróis, santos ou pecadores), que acabou tornando o discurso histórico desses dias pelo menos um tanto distante das preocupações vivenciadas pelas pessoas.

Nesse ponto recorro ao irrepreensível Thomaz Pompeu Sobrinho. Seu pensamento, em prefácio a tomo especial da Revista do Instituto do Ceará, em 1956, comemorativo do “Primeiro Centenário de Nascimento do Barão de Studart”, conquanto o fizesse com elogiável raro sentido diplomático, deplora:

“O Barão de Studart não conseguiu infelizmente tirar dos seus arquivos todo o proveito imediato que seria possível, malgrado o vulto impressionante da sua obra histórica.

E no mesmo lugar alude explicitamente à “exposição nua dos acontecimentos”, modo de apreciar que, a interesse de nosso raciocínio nesta oportunidade, ajusta-se à idéia de ausência de interesse às “aventuras do corpo”, ou seja, à agitação de vidas, de propósitos da criatura, caudatários sem dúvida, em qualquer tempo, dos efeitos da própria história.

Assim, portanto, a desejável intimidade da história com o “corpo”, e, em conceito mais abrangente com o calor da participação humana, a significar família, o quotidiano com suas implicações, as derrocadas e glórias, elevações e declínios morais, dramas de vida e morte, e sobretudo dor, só se vai inaugurar na historiografia do Ceará de modo consciente, na obra ereta pelo historiador Raimundo Girão, o que vai correr paralelo com o trabalho desenvolvido por outros estudiosos, no caso Gustavo Barroso e Djacir Menezes, para mencionar apenas os mortos.

Não só números e datas; não só a descrição do relacionamento histórico de eventos, mas isso e mais a caracterização da vontade política de pessoas, o exercício da cidadania, o vagaroso e progressivo percurso da atividade econômica, as turbacões climáticas, os vexames e os vexados; tudo em maior ou menor proporção passa a importar no discurso de Raimundo Girão

A linguagem do historiador em sua sólida “História Econômica do Ceará” surpreende por inovar com os tons e intenções de sociólogo a serviço da História, a quem não parece e não é despiendo o que ele denomina de “exposição etnológica.”

Nada escapa à visão desse pesquisador atento à presença do homem, personagem que privilegia em todos os momentos, mesmo os que perseveram na vadiagem, e a tanto indo de uma a outra fazenda, varando os ermos que se chamam sertões; e na réplica, de modo diferente, os que se ajustam ao pastoreio, desfrutando - como menciona - a "vida livre dos campos", e aí na condição de assumido filho de "gleba sofredora, sofrendo com ela., e sem perceber a acumulação, o que surpreende, de "qualidades e aptidões, senão excepcionais ao menos singulares, particularmente suas, indiscutivelmente admiráveis", ciente de que "para ele, mais do que qualquer outro homem no Brasil, a luta é condição de vida." (in "História Econômica do Ceará", pp 112,113.

Não raro depararmos no robusto texto desse admirável manual de ensino, as "aventuras do corpo". A história aí decorre escrita principalmente lembrando o sertão, o grande espaço de nossas opções agrárias e pastoreio, onde o sertanejo, mais representado na figura do vaqueiro, é o grande vencedor mas também o grande perdedor ante à carranca cruenta de sua calamidade maior: a seca.

Assim em 1825 - um avaro período de dolorosa ausência de chuvas -, o exato instante em que o historiador acode a contar como agoniza por então a província.

A cada passo dessa narração, e em todas os instantes na qual a sua apreciação se enquadra qual lente angular de máquina fotográfica, as circunstâncias e as criaturas vivem em pé de guerra - e são Mourões e Melões que se enfurecem! -, em dias de agitação política com caranguejos ou saquaremas, e chimangos. E em tudo e em toda parte, imbricando-se ao calendário dos acontecimentos, gente; gente que luta e mata; e assim vive e morre; gente que se diverte, modestas criaturas anônimas de cozinha e copíás, e também da grande cidade onde, donas de algum dinheiro, e a passear, e a "ostentar elegância, gurgurões e seda, em fru-fru, indo e voltando a pé, por falta de seges e até dos afamados palanquins ou cadeirinhas, que aí nunca chegam". (Idem, p. 3223)

Nova e saborosa linguagem a desse historiador que se propõe a restaurar o desempenho econômico não como resultado de algarismos, mas com a reconstituição tanto quanto possível do cenário dos acontecimentos, em seus dias cruentos e amargos.

Nessa obra o pesquisador não apenas documenta, explica. A palavra não é ficcional, mas real. Nada alinha o estudioso para pretéritas avaliações. O que menciona, não está presumido. O fato, a palavra, tudo enfim toma vida, mexe-se, transita no livro sem vacilações nem enigmas.

Até as próprias coisas, como os imóveis descritos, se vestem de autenticidade, e mais que coisas são. O autor alude a casa da fazenda como se nomeasse alguém composto organicamente de pedra e cal.

Assim a *casa grande*, uma edificação diferente “mas como a dos engenhos ricos, índice dum tipo de civilização, a civilização cabocla dos currais do Nordeste.”

Na verdade propõe, irreticente, a “existência de um produto arquitetural”, menciona, “peculiar ao meio físico, construído com os materiais, as conveniências e as possibilidades do meio físico, refletindo a maneira imperativa da ambientação antropogeográfica do homem do Nordeste do juazeiro, da carnaúba e da oiticica, do Nordeste da *terra dura*, de que fala Gilberto Freire, o *outro Nordeste* pastoril, inconfundível com o Nordeste vaidoso da *terra gorda*, do massapê” pernambucano...(o.c., p 337).

Minhas Senhoras, meus Senhores;

A essa altura, sinto-me à vontade para lhes repassar, mais legível, o significado de minha compreensão do fato histórico, algo que completa seu ciclo quando revitalizado a modo de parecer sucedendo outra vez.

Há estudiosos inexcedíveis nessa fascinante magia.

Um desses o historiador Henri Pirenne, em quem Georges Duby flagrou (dele o pensamento que exprimo) “o dom de simpatia, o poder de imaginação e o estilo jovial que permitem trazer novamente à vida os homens de outros tempos.”

Não apenas os homens, acrescento, as coisas (Georges Duby, in “A História Continua”, p. 11).

Em Raimundo Girão também tem curso um quer que seja semelhante a esse “dom da simpatia”; o “poder da imaginação” para reconstituir os fatos, e, sobretudo, a atmosfera de empatia e jovialidade.

Basta se lhe tomar àquela obra, uma ou outra de suas páginas reveladoras de seu sentimento pelo sertão, para deparar não o simplesmente discursivo, mas o drama que flui, biológico, do texto limpo e transparente. Tudo a correr com o propósito de atento encenador, que se realiza à feição de diretor teatral, importante condição para o relato histórico já caracterizado por Henri Gouhier, e indispensável à melhoria do relacionamento do leitor com os fatos.

Nesse caso – e não deixa de ser curioso – é atribuído ao historiador a mesma função exercida pelo “metteur-en-scène”, isto é, algo assim como “função mediadora: comunicar pelo texto escrito o “calor”, restituir à própria vida” o que parecia estar inerte.

Nesse contexto a maneira de ver e sentir comum aos seguidores da “história nova” privilegia o trabalho de Raimundo Girão, tão copioso quanto valioso, e que além desse belo “Geografia Estética de Fortaleza”, tantas vezes mencionado por nós, culmina com obra sem nenhum favor passível de arrolada entre as dez mais significativas já escritas entre nós: “História Econômica do Ceará”, e sem nenhum favor a alinhar-se no mesmo patamar de fulgurâncias de “Ensaio Estatístico da Província do Ceará” e “Terra de Sol”.

Raimundo Girão, sem perceber, escrevendo a nossa história, fez-se em história ele próprio.

Ao menino chorão nascido a 3 de outubro dos 1900, na fazenda Palestina ladeando pela esquerda o rio Banabuiú, filho de Luís Carneiro de Sousa Girão e Celina Cavalcanti Girão, o destino lhe reserva o exercício de exemplar dedicação à cultura, à cidadania e à valorização do Ceará, em que se incrusta em nicho especial, qual jóia, a dadivosa Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção.

Tem Raimundo Girão o percurso, sem mistérios, dos bem dotados. Forma-se em Direito; e logo, ao município de Fortaleza, vai servir como operoso Secretário da Prefeitura.

E isso é dizer pouco de seus começos, pois não tardará nomeado, interinamente, Prefeito Municipal, momento dos mais significativos de sua vida, com a oportunidade de relacionar-se mais a fundo com os problemas e perspectivas de progresso da capital. Já aí se revela associativo, a fundar, em 1934, com entusiasmado grupo de idealistas, o Rotary Clube de Fortaleza.

Já em ano subsequente ao referido, experimenta a emoção de assumir a honrosa posição de juiz do recém criado Tribunal de Contas do Ceará, para, em 1936, colar o grau de Doutor (e nessa circunstância aluno laureado) pela Faculdade de Direito do Ceará.

E mais se dão, sucessivas, as conquistas da brilhante carreira que exercita. Escolhem-no para presidir o Rotary Clube; nomeiam-no membro do Conselho Estadual de Agricultura. Toma lugar, bastante aplaudido, no Instituto do Ceará.

Na mesma época vai reger a cadeira "Estudo Comparado das Doutrinas Econômicas" do 4º. ano do Curso Superior de Ciências Econômicas. Sua presença em comissões de estudos não pára. E desse modo vai representar nossas instituições culturais em vários e importantes congressos. Fazem-no merecidamente professor da Escola de Administração do Ceará. E não tarda, pelos méritos intelectuais que ostenta, ingressar na Academia Cearense de Letras, e, por diante, o que não demora, o seu diligente presidente.

Já escreve com notoriedade, impõe-se literariamente. Tem obras, como as que mencionamos antes, fontes indispensáveis de pesquisas sobre a história do Ceará.

Assume, para instalar e administrá-la com inextinguível carinho, a Secretaria de Cultura do Ceará. E na oportunidade consolidará o seu amor ao passado, propondo e vendo aprovada a primeira regulamentação séria de defesa ao patrimônio cultural do Estado.

Agora, nesse significativo momento de honrar à personalidade do cidadão, do historiador, do professor, do administrador, do idealista, do eterno abolicionista do Ceará, vem a pelo repetir as sábias palavras do Padre Antônio Vieira no famoso Sermão do Primeiro Domingo do Advento, pregado na Capela Real, em 1640:

"No nascimento somos filhos de nossos pais;
na ressurreição seremos filhos de nossas obras.

Não testemunhamos aqui, por agora, aquela ressurreição de que nos fala o sermonista, mas outra, a que nos concede novamente o convívio espiritual daquele que em firme e fulgurante trajetória de sucessos, prosperou no bem, no amor e na mais cons-

tante paixão pelo Ceará, onde, edificando, se edificou para inextinguível amante da cidade de Fortaleza.

Na ordem de citações, de que me venho acudindo, o dramaturgo que está em mim vai a Sófocles, e usurpa-lhe a fala de Crisôtonis, em "Electra":

"- Será possível dar aos mortos nova vida?"

Sim, o que tem significado cultural representativo – e prospera a cada ano que passa imune à corrosão do tempo –, tornando eterna, e admirada para os pósteros, uma obra exercitada com emoção, seriedade e amor à verdade.

Nesta noite participamos da mais esplêndida das ressurreições, a que torna presente o escritor Raimundo Girão no respeito de seus concidadãos, em memorável momento, qual esse, de reconhecimento à sua obra.

Em um mundo, o de hoje, infelizmente arredio a cometimentos literários, em que a soberana universidade dos meios de comunicação tem pouca preocupação para cuidar do aperfeiçoamento da inteligência das pessoas, restam, firmes e responsáveis, frágeis aparentemente, mas imbatíveis, instituições culturais como o Instituto do Ceará de tão gloriosas tradições.

Por essa razão estamos aqui, Deus nos convocou a nos inspirar de gratidão e reconhecimento, para a celebração desse inesquecível momento de valorização à vida intelectual do Ceará, em circunstância que nos capacita a responder enfaticamente àquela indagação de Sófocles, em Electra:

- Sim, possível dar nova vida aos mortos.
- Acabamos de fazê-lo.

¹ Discurso proferido na sessão solene, comemorativa do centenário de do historiador Raimundo Girão, realizada no Instituto do Ceará, dia 5.10.2000, às 16 horas.